A VOZ DO

« ACADÉMICO »

Edição especial promovida pela Associação de Antigos Alunos do Colégio de S. Luís

COORDENAÇÃO DE CARLOS SÁRRIA
N.º 4 - 15 DE SETEMBRO DE 2003 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

EDITORIAL

Se alguém me perguntasse qual o interesse de termos fundado a Associação dos Antigos Alunos do Colégio de S. Luiz eu responderia que a sua não existência continuaria a ser um erro grave e um injustiça cometida por todos quantos frequentaram o Colégio de S. Luiz, beneficiando dum aprendizagem deveras qualificada, sem a qual as suas vidas não teriam o significado que hoje têm.

O Colégio de S. Luiz funcionou durante mais de três décadas em regime de exclusividade e com critérios de ensino avançados, numa época que se caracterizou pela obscurantismo generalizado da sociedade, podendo dizer-se que a população de Espinho e dos Concelhos limítrofes muito beneficiaram culturamente da sua existência, sem a qual o desenvolvimento precoce que tiveram não seria possível. A memória colectiva das sociedade tem evoluído no sentido de ser cada vez mais curta, egoísta e manipuladora, pagando, como é óbvio, tardiamente e a más horas, os serviços que lhe são prestados, daí que o Colégio de S. Luiz e os seus corpos docentes, desde 1968 até aos nossos dias, se tivessem apagado da memória dos espinhenses tendo direito a alvíssaras o cidadão capaz de reproduzir notícias a seu respeito. Pelo que acabo de expôr adivinha-se que não tem sido fácil a tarefa da Associação dos Antigos Alunos do Colégio de S. Luiz na reposição de valores quanto ao Colégio e na aproximação entre associados e ex-alunos no seu todo.

Passamos demasiados anos em contemplação e reconstruir qualquer coisa a partir das cinzas torna-se bem mais complicado. A falta de oportunidades para conviver vai sendo colmatada através de actividades pontuais de índole diversa, serões do S. Luiz etc., e, felizmente, os indicadores que nos vão chegando (maior número de presenças e colaboradores) são animadores levando-me a acreditar que a Associação dos Antigos Alunos do Colégio de S. Luiz venha a poder transformar-se num pólo de atracção e motivo de orgulho e satisfação para todos nós. Finalizo recordando o sucesso que tiveram duas das actividades que levamos a cabo este ano "o passeio anual ao Algarve e complementação da homenagem prestada ao Dr. António Neves em 2002" e "a cerimónia do descerramento duma placa comemorativa do Centenário do Nascimento do Director Fundador do, Colégio de S. Luiz Dr. Joaquim Pinto Correia", na sua casa onde nasceu.

Armando Jacinto
Presidente da A. A. A. do Colégio de S. Luiz

UM HOMEM, UMA INSTITUIÇÃO

Quando o Director do Colégio dos Carvalhos, o chamou, em 1931, e lhe disse que ia para o Colégio de S. Luís, ajudar o Tenente Reimão a dirigir e governar a filial de Espinho, o recém-formado Joaquim Pinto Correia, contente, de certeza, com a distinção da escolha, não sonhava sequer o futuro que o esperava.

De estatura meã, sorriso aberto e franco, estava habituado a lidar com a rapaziada, dada a experiência como "perfeito" na casa-mãe dos Carvalhos, e não seria por aí que encontraria dificuldades. Quanto ao grupo dos Professores, alguns mais velhos do que ele, confiava na autoridade de que vinha revestido para afastar receios de possíveis problemas.

Em poucos anos o nome do Dr. Pinto Correia estava de tal modo ligado ao do Colégio de S. Luís que falar num era lembrar o outro.

Sabia, como poucos, ouvir e dialogar com os alunos, escondendo atrás da aparência e gestos severos, alguém que sabia desculpar e perdoar. Na verdade, gostava deles e chegou até a ajudá-los fora do âmbito escolar.

Não esqueço o episódio passado com o Florentino Goulart Nogueira aquando da realização dum recital de Poesia, organizado pela secção cultural da Ass. Académica de Espinho, no Salão Nobre da Sede do Sporting Clube de Espinho, em 1948. O Florentino, mais tarde cotado como um dos melhores declamadores nacionais, ao nível de João Villaret, tinha ideias muito definidas sobre a Arte, defendendo a tese de que uma obra de arte vale pelo seu mérito, independentemente da cor e da posição política do seu autor.

Ora, sendo ele um monárquico absolutista e salazarista, não hesitou em incluir no programa do recital a poesia do autor comunista Pablo Neruda, "Canto de Amor a Stalingrado".

Com o salão cheio, declamou, admiravelmente, a poesia, sendo aplaudido vibrantemente pelos assistentes. De imediato, alguns informadores da PIDE, presentes, deram largas ao seu ofício sujo, denunciando como manifestação política de comunistas a reacção de aplauso. Dias depois, o Florentino foi convocado para se apresentar no Governo Civil de Aveiro, para ser ouvido. Foi então que o Dr. Pinto Correia, conhecendo as ideias do seu aluno, se deslocou junto do Governador Civil, Dr. João Moreira, para defender o Florentino, atestando quem ele era e quais as ideias que defendia.

Em 1948, com a constituição da sociedade "Antunes, Correia & Costa", o Colégio de S. Luís deixou de ser sucursal do Colégio dos Carvalhos, tornando-se independente.

Esta sociedade, formada pelo Dr. Pinto Correia, Padre Costa e Dr. Marmelo e Silva, abalançou-se à construção dum edifício próprio, no ângulo nascente, sul, das ruas 28 e 29.

Viveu o Colégio tempos difíceis, dadas as dificuldades inerentes à sua administração, arcando o Dr. Pinto Correia com a direcção pedagógica, além das disciplinas de que foi professor. Com a retirada, em 1950, do Dr. António Neves, excelente professor e bom assessor da direcção, e a saída em 1957 do Dr. Marmelo e Silva, maior e mais pesada se tornou a

sua tarefa, agravada pelas características pessoais do Pde. Costa e do Eng. Carrão.

Formavam então um trio que o Eng. Carrão, com o seu proverbial bom humor, apelidava aquando das suas deslocações, como "O Fidalgo, o Capelão e o Escrivão", que era ele!

Conheceu o "Fidalgo", que bem justificava o título pelas suas reais qualidades, uma vida inteira dedicada à mui nobre tarefa de educar e formar os homens de amanhã.

E quantas gerações passaram pelas suas mãos!

Em 1969, após a abertura em Espinho do estabelecimento oficial de ensino, o Colégio de S. Luís fechou as suas portas.

Encerrava assim um período de importância decisiva na formação de muitos estudantes que viriam a valorizar a sua terra e a contribuir para o progresso de Espinho.

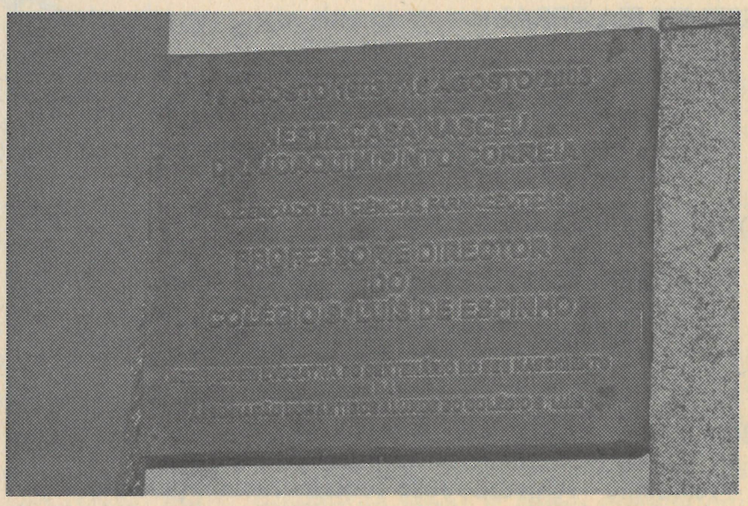
E assim acabava também a história dum professor, cujo nome se confunde com o do colégio que tanto amou e a quem tanto deu. Por tudo o que lhe devemos, merece bem o nosso respeito, a nossa admiração, a nossa homenagem.

António Gaio

HOMENAGENS:

- NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO DR. PINTO CORREIA
- AO DR. ANTÓNIO NEVES

Pág. 5 e 6



A placa evocativa do centenário do nascimento do Dr. Joaquim Pinto Correia, descerrada em 16.Agosto.03 na Casa do Bacelo, Guizande, onde nasceu

NOTICIÁRIO

PRESENÇAS

Correspondendo ao convite da Irmandade de N.ª S.ª da Ajuda, a nossa Associação fez-se representar na tradicional Procissão da N.ª S.ª da Ajuda, com o estandarte do nosso antigo Colégio.

•

Também em sequência de convite, a nossa Associação esteve na sessão solene do 25.º aniversário do Lions Clube de Espinho, que decorreu no Centro Multimeios, em Novembro de 2002. Felicitamos o Lions, quer pela efeméride, quer pela reconhecida obra que tem realizado, congratulando-nos pelo facto de muitos dos seus membros, e associados, terem sido antigos alunos do Colégio de S. Luiz.

Ao Lions foi entregue uma medalha da nossa Associação, com inscrição alusiva.

•

Convidada pela Câmara Municipal de Espinho, a nossa Associação teve um "stand" na III Feira do Associativismo do Concelho, que decorreu na Nave Polivalente, em Outubro de 2002.

Através de profícua exposição fotográfica, evocamos tempos de outrora relacionados com o Colégio de S. Luiz, bem como as figuras dos seus antigos directores e professores, responsáveis pela importância que alcançou na vida espinhense e de milhares de alunos. Também ficaram registados os momentos mais marcantes da, ainda, curta existência da Associação.

A bandeira, o Hino e as fotos dos diversos edifícios onde o S. Luiz funcionou, mereceram o devido destaque.

Pelo que foi dado constatar, quer pelo número de visitantes, quer pelas suas reacções, ficamos convictos de que valeu bem a pena esta primeira presença naquele certame.

•

Depois de terem tomado posse, os Corpos Gerentes da nossa Associação, eleitos para o Biénio Out. 2002 / Out. 2004, solicitaram uma audiência ao sr. Presidente da Câmara Municipal de Espinho, tendo sido recebidos na edilidade em Fevereiro último.

Foi apresentado ao sr. Presidente da Câmara o nosso Plano de Actividades, sendo solicitado o apoio possível, aventando-se mesmo a possibilidade de cedência futura de um espaço para a sede da Associação.

Encontramos a melhor boa vontade e compreensão por parte do sr. Presidente que, tendo-nos feito sentir as dificuldades existentes, e sem poder prometer nada, senão o apoio sempre que possível, terá presente a nossa principal pretensão: um local para sede.

No final, foi ofertada uma medalha da nossa Associação ao sr. Presidente, com inscrição alusiva.

ELEIÇÕES

Este ano não há. Houve em Outubro de 2002 e os escolhidos para Corpos Gerentes da Associação, foram eleitos para o biénio que terminará daqui a um ano.

Solicitamos nas colunas deste Jornal, no ano passado, que surgissem listas, pois em democracia é saudável haver alternância, pelas mais variadas razões. Convite em vão.

O ano que falta é suficiente para que, entre os nossos associados, surjam alternativas. Até lá, os Corpos Gerentes eleitos, conforme lista que se segue, farão, certamente, o melhor para a Associação honrar a memória da Instituição que esteve no cerne do seu surgimento.

CORPOS GERENTES DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO COLÉGIO DE S. LUIZ

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente – José Alberto Garcia Pinto Correia (sócio n.º 4)
1.º Secretário – Carlos Augusto Melo Sárria (sócio n.º 8)
2.º Secretário – Maria de Lourdes H. M. Pinto Correia (sócio n.º 2)

CONSELHO FISCAL

Presidente – Romeu Assis Marques Vitó (sócio n.º 1)
Vogal – Joaquim Júlio Morais Marques de Sá (sócio n.º 141)
Vogal – Gastão Samuel Dias as Costa (sócio n.º 10)

DIRECÇÃO

Presidente – Armando José Teixeira Jacinto (sócio n.º 7)
Vice-Presidente – Nuno Alberto Camacho B. Barbosa (sócio n.º 3)
1.º Secretário – Maria Fernanda Neves A. R. Cardoso (sócio n.º 6)
2.º Secretário – Domingos Joaquim L. da Silva Bastos (sócio n.º 9)
Tesoureiro – Marcial Ferreira Pinto Cardoso (sócio n.º 5)

SERÕES

Em Fevereiro de 2003, deu-se início aos "Serões do S. Luiz", tendo por palco, e por especial deferência do nosso colega Armando Sá Alves, uma dependência do Café Esquimó.

O objectivo dessas reuniões é proporcionar, mensalmente, uma saudável convivência entre os antigos alunos, enquanto se saboreia uma "bica" e se belisca uns petiscos, bem como facultar a palavra a um colega, previamente convidado, para que evoque os tempos e as histórias do nosso Colégio.

Tivemos como convidados o Vladimiro Brandão, o Carlos Padrão, o Florival Espírito Santo, a Fernanda Coelho e o Gastão Monteiro da Costa.

O número de presenças tem-se situado entre a dúzia e a dúzia e meia, isto nos 7 "Serões" realizados até Agosto.

O evento, por razões logísticas, passou a efectuar-se na 2.ª sexta-feira de cada mês e no Salão Paroquial da Igreja de Espinho, na rua 29, que nos foi amavelmente disponibilizado para o efeito.

O que esperas para comparecer, caro colega?

A presença do Vladimiro Brandão no nosso segundo "Serão"

SARAU

Estava previsto que, na véspera do nosso almoço-convívio anual, que se realizará no dia 11 de Outubro próximo, se efectuasse um Sarau, à semelhança daquele que levamos a efeito em 1998.

Só que imprevistos de diversa índole, de todo em todo impossíveis de ultrapassar, não obstante as tentativas levadas a cabo, impuseram que tivessemos de cancelar aquela realização, prevista no nosso Plano de Actividades para 2003.

PROF. FIGUEIRA

Só, posteriormente, a nossa Associação teve conhecimento do falecimento do saudoso Prof. Manuel Figueira que, durante muitos anos, leccionou no Colégio de S. Luiz e, pelas suas brilhantes qualidades, quer como mestre, quer como ser humano, era muito admirado, respeitado e estimado, pelos seus alunos.

Por isso, só pudemos convidar os nossos associados e antigos alunos para assistirem à missa do 7.º dia, acto no qual estivemos presentes com o estandarte e onde compareceram muitos dos que o tiveram como excelente professor.

A convite da nossa Associação, António Gaio ex-aluno do Colégio, evocou a figura do Prof. Manuel Figueira no decorrer do acto religioso, com o sentimento e a admiração que nutria por ele.

MAIS "NOTICIÁRIO" NA PÁGINA 6

PROGRAMA DA NOSSA CONFRATERNIZAÇÃO 2003
DIA 11 DE OUTUBRO 2003

ÀS 10,00 H - NA CAPELA DE N.ª S.ª DA AJUDA
- Missa de sufrágio em memória dos Directores, Professores e Alunos falecidos

ÀS 11,00 H. - ROMAGEM AO CEMITÉRIO MUNICIPAL
- Homenagem aos Directores, Professores e Alunos que jazem naquele Campo Santo

ÀS 13,00 H - NO RESTAURANTE DO HOTEL PRAIAGOLFE
- Almoço de Confraternização
- No decurso do repasto, será prestada uma homenagem aos antigos professores, previamente convidados para o efeito.

AGRADECIMENTO

Para podermos dar à estampa mais este número de A Voz do «Académico», tivemos de nos valer da disponibilidade, da boa vontade e apoio logístico de diversas pessoas e entidades.

Aqui deixamos o nosso sincero agradecimento à Cooperativa Nascente, ao sr. António Gaio e à Tipografia Meneses.

A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DO DR. JOAQUIM PINTO CORREIA

UM SORRISO COM AFECTO

Ao celebrar-se o centenário do nascimento do Dr. Joaquim Pinto Correia, não resisto em aproveitar a boleia e traçar um breve testemunho, sobre uma personalidade determinante para a história do ensino em Espinho, peça angular de uma instituição significativa como foi o Colégio de S. Luís, reconhecido como um dos seus directores mais marcantes, concretamente em termos de orientação estratégica e pedagógica.

Para lá disso, ou acima de tudo, ressalta a simpatia que devoto ao Dr. Pinto Correia, não como uma personagem acidental do meu percurso de vida, mas como alguém que, no seu estilo muito particular, marcou positivamente a minha afectividade.

Confesso que quando o conheci, era eu um miúdo avesso a cortar o cabelo, tremia quando, em plena "Barbearia Silva", empurrado pelo meu pai, me deparava com aquele doutor, franzino, tom de voz peculiar e pouco dado a sorrisos. Aprendi por experiência própria, como veremos uns parágrafos mais adiante, que tal não correspondia, de modo algum à verdade. Entretanto fui conhecendo pormenores que aumentaram a minha admiração por uma personalidade menos rígida e mais liberal do que aparentava. Terá sido com a sua benevolência que muitos alunos, no ano de 1958 (quando eu ainda nem sabia ler), puderam faltar às aulas, para se juntarem na estação dos caminhos de ferro, para saudar o General Humberto Delgado, candidato presidencial da oposição ao regime, a quando da sua visita triunfal ao Porto. Foi ele, com toda a diligência, que forneceu ao meu avô materno os compêndios de Matemática e de Física, para o meu tio voltar a estudar, preenchendo o tempo enquanto permanecia encerrado numa cela da polícia política da ditadura. Foi pela sua boca, em plena aula, que ouvi comentários, ponderados e incisivos à política de educação do regime, sem receios e da forma mais clara possível, a fim de ser entendida por adolescentes que, ao fim e ao cabo, acabariam por sofrer as consequências dessas orientações governamentais.

Conhecido pela velocidade, moderadíssima, que impunha ao seu automóvel, muitos de nós chamavam-lhe, ironicamente, de "Fangio", um célebre piloto de alta competição. Reconhecido competente em vários domínios científicos (deu-nos aulas de Matemática, Físico-Química e Ciências Naturais), muitos de nós chamavam-lhe, reconhecidamente, de "Lavoisier", grande nome das ciências. Pessoalmente, deixou-me como legado intelectual o facto de perceber a lógica dos números positivos e negativos, de conhecer minimamente o alfabeto grego (usado na simbologia matemática), e de não recear qualquer fórmula química composta, conseguindo que eu passasse do limiar mínimo (da água e a do ácido sulfúrico) para jogar à vontade noutras misturas. Além disso, nunca me hei-de esquecer das célebres, e por vezes angustiantes, provas orais que fazia durante as aulas, principalmente na disciplina de Ciências...

No terceiro ano do liceu, embasbaquei e corei, numa chamada de Zoologia, quando me perguntou o que eram mamíferos. Respondi que eram os animais que se alimentavam, aquando do nascimento, de leite. Retorquiu, perguntando-me qual a característica das fêmeas. Respondi que tinham mamilos, para assegurar essa função. E o Dr. Pinto Correia pôs-me, ainda, mais corado: "Ó artista, diz mamas, que a designação é científica !" No quarto ano do liceu, quando a matéria era Botânica, mandou-me para o estrado numa aula, onde tive um esticanço razoável. Na aula seguinte voltou a chamar-me, quando eu pensava que já tinha passado a minha vez, sendo o esticanço muito maior. Na terceira aula, fui outra vez chamado (já estava a contar), e a coisa correu melhor. Nas seguintes, começava por perguntar ao auditório: "Quem vai ser chamado?". Eles adivinhavam e eu lá ia, conformado com o meu destino. Aí pela sétima aula consecutiva, fez a mesma pergunta ao auditório. Desta vez eles não acertaram, foi outro para o estrado, ficando eu no lugar, algo aliviado. É claro que passados uns tempos, voltei a ser chamado, ou o meu orgulho ficaria ferido. (Note-se, aliás, que, nesse quarto ano, sucedia-me o mesmo nas aulas de História, chamado vezes sem conta pelo Padre Pinho, aliás também ele cliente assíduo da já citada "Barbearia Silva"...).

Fora das aulas e do Colégio, o meu relacionamento, com o Dr. Pinto Correia, foi sempre muito discreto, mas sensibilizou-me sempre o facto de um homem, com aparência tão austera, me saudar, invariavelmente, com um sorriso tão breve quanto carinhoso. Aliás, devo confessar que, nos meus sonhos, regresso muitas vezes ao Colégio de S. Luís, deparando-me com o Padre Costa, de varinha na mão, a repreender: "Tens que te esforçar, rapaz!" Apesar de envolto no sono, tenho a consciência de que, infelizmente, já não tenho muito de rapaz e fico baralhado, porque continuo a lembrar-me bem de que concluí o quinto ano do liceu em 1969 *. O sonho teria qualquer coisa de errado, se não aparecesse, sempre, no corredor, o Dr. Pinto Correia que, com um sorriso breve mas carinhoso, não deixa de me segredar, naquele tom de voz muito especial: "Tem calma, artista!"

Obrigado, Senhor Doutor...

Carlos Morais Gaio
(29/Agosto/2003)

**- A este propósito, será de esclarecer que o Colégio de S. Luiz não encerrou em 1968, mas no ano seguinte, término do ano lectivo, conforme consta dos arquivos que lá guardo em casa...)*

EMÍLIO DA COSTA ROSA

Ou Emílio Machado da Costa Rosa, ou o Emilinho, ou o Emílio, ou o Dr. Costa Rosa. Assim, e por esta ordem, o ouvi tratar ao longo de mais de cinquenta anos.

Apareceu no Colégio de S. Luiz, no ano lectivo de 1941/42, para frequentar a 4.ª Classe. Nesse tempo, a chamada dos alunos, no início das aulas, era feita com a leitura do nome completo de cada um! E, como esta cerimónia se repetia diariamente, durante todo o ano, dificilmente haveria quem não soubesse o nome completo dos seus condiscípulos!

O meu Amigo Emílio aqui, no S. Luiz, completou a Instrução Primária, e fez todo o curso do Liceu. Primeiro, magrinho e nervosíssimo – o Emilinho – depois na adolescência, após uma doença que o arreliou, como aconteceu com outros, por esse tempo, com mais algum peso – já era então o Emílio.

Deixou Espinho, matriculou-se em Direito, em Lisboa, continuou a ganhar peso e, já homem, adquiriu o estatuto dos muito pesados, como será ainda recordado por todos os que com ele lidaram, nessa fase da sua vida. De tal modo assim era que, quando eu referia o miúdo franzino que ele fora, ninguém me acreditava!

O meu Amigo Emílio foi um aluno brilhante durante toda a sua vida de estudante. Vivo, inteligente, sabedor. Depois de licenciado, enveredou pela magistratura - no então Ultramar – de onde, aliás, era natural, pois nasceu em Angola.

Quando estava colocado em Quelimane, Moçambique, como Juiz, recebeu um convite de um bom advogado de Lourenço Marques, que se sentia em fim de carreira, para com este colaborar. Deixou, então, a magistratura, para se dedicar à Advocacia. Passado algum tempo, não muito, o velho advogado faleceu e o Dr. Costa Rosa ficou sozinho à frente do que era um bom escritório de advogado. Nesta profissão se manteve até ao fim dos seus dias, primeiro em Lourenço Marques, depois em Lisboa. E sempre a honrou, com brilhantismo, com muito saber e honradez de cáracter.

Pelo meio de tudo isto, o Emílio ainda foi professor na Faculdade de Direito da Universidade de Moçambique, e em Lisboa, depois de aqui ter regressado, após a independência daquela ex-colónia. Foi, ainda, Director do Instituto dos Investimentos Estrangeiros, durante vários anos. E sempre com os méritos profissionais reconhecidos e respeitados.

Há com certeza ainda alguns de nós que se recordam do Emílio, em Espinho, e o reconhecem nas palavras iniciais deste texto. E, provavelmente, alguns até recordarão mais o rapazinho vivo, brincalhão, que ele também foi. Como o achariam diferente se o tivessem encontrado nos últimos anos da sua vida. É extraordinário o que a vida, as preocupações, a luta do dia a dia, as doenças, podem fazer de nós! E o que fizeram do meu Amigo Emílio!

Conversávamos muito, nos últimos anos, e as nossas conversas, invariavelmente, iam dar ás recordações da infância, aos amigos comuns, a Espinho, ao Colégio, aos Professores, que ambos tinhamos sempre presentes. De resto, aquilo que fomos, que somos, em grande parte o devemos àqueles que nos formaram. O Homem sombrio e preocupado em que o Emílio se tornou com a idade, modificava-se, então, e nesses momentos regressávamos ambos à infância, aos melhores anos das nossas vidas.

Recordo ainda uma particularidade dos últimos tempos da sua vida em Espinho. É que os seus pais vieram viver para Lisboa, quando o Emílio estava num dos últimos anos do Liceu. Ele, bem como as irmãs – que eram três – ficaram a residir – elas como alunas internas e ele mesmo como residente – no Colégio feminino, de Nossa Senhora da Conceição. Tal e qual – o Emílio vivia com as meninas e ia às aulas ao S. Luiz! E isto, numa época em que havia rigorosa separação de sexos, no ensino secundário! E como nós, os outros, o invejávamos!

Haveria, naturalmente, imensas outras "estórias" para contar. O espaço, porém, não abunda e a vossa paciência tem de ser respeitada.

Dir-vos-ei, para terminar, que o Emílio nasceu em 8 de Abril de 1932 e faleceu, depois de muitos anos de padecimento de uma implacável diabetes, no verão de 1998. Ouvi-o, de resto, comentar, com amarga ironia, que a "diabetes era um modo de vida"...

Deixou viúva e cinco filhas, todas estas bonitas mulheres e inteligentes como o Pai. Todas licenciadas, e três delas em Direito!

Que bem cumpriu, o Emílio, a sua missão na terra! E como merece que o recordemos com saudade!

José M. Nunes Correia
Lisboa, Julho de 2003

A HOMENAGEM AO DR. ANTÓNIO NEVES

EM ESPINHO E NO PATACÃO (FARO), ONDE FOI INESQUECÍVEL

Em 2001 e 2002, homenageamos, postumamente, os antigos Directores do Colégio, com deposição de placas nas sua sepulturas. Relativamente ao Dr. António Neves, por razões inultrapassáveis, não foi possível o mesmo procedimento. Optamos por uma Assembleia Geral Extraordinária, em 12 de Outubro de 2002, cujo ponto único era a homenagem àquele ilustre Director e Professor.

Convidamos os seus filhos, Maria Otília Neves, há muito tempo a Irmã Teresa do Menino Jesus, e António Neves, o Tony, para estarem presentes no acto, mas devido às regras da sua ordem religiosa, a Irmã Teresa não pôde vir a Espinho.

Assim, na Assembleia Geral, presidida pelo Eng. Pinto Correia, assesorado pela Dr.ª Maria de Lourdes Pinto Correia, coube ao nosso colega Carlos Sária fazer o elogio evocativo do homenageado, numa sala repleta de antigos alunos e professores, que se associaram de alma e coração ao evento.

O Presidente da Associação, Coronel Armando Jacinto, entregou a António Neves uma medalha alusiva ao acto e o pergaminho com as palavras proferidas pelo nosso colega, sobre o seu pai, o que agradeceu emocionado.

Desde logo, ficou decidido completar a homenagem, com igual entrega à filha e, assim, aproveitando-se o passeio anual, meia centena de ex-alunos, e quatro professores, foram até ao Patacão (Faro) para no Convento do Carmelo de N.ª S.ª Raínha do Mundo, com autorização da Madre Superiora Maria do Carmo, se realizar a cerimónia, na bonita igreja do Convento.

Antes, porém, foi possível conviver com a Maria Otília, um reencontro emocionante, volvidos longos anos, com amigos, colegas e conhecidos, para lembrar tempos de meninice e juventude vividos em Espinho.

Foi, então, celebrada uma missa em memória do Dr. António Neves, pelo Reverendo Cónego José Pedro, Vigário geral da Diocese do Algarve, cantada pelo Coro do Convento, merecendo relevância a voz encantadora da Irmã Maria das Neves.

Depois a Dr.ª Maria de Lourdes Pinto Correia, interveio em nome da nossa Associação, tendo o Dr. Pinto Correia, Presidente da Assembleia Geral, e Fernanda Cardoso, da Direcção, entregado à Irmã Teresa do Menino Jesus, respectivamente, a medalha e o pergaminho, acabando a cerimónia numa despedida longa e emocionada.

Enfim, uma jornada inesquecível, para quantos tiveram a dita de a viver.

Momento de convívio com Maria Otília, a Irmã Teresa do Menino Jesus

A entrega, ao Tony Neves, da medalha e do pergaminho

SE MAOMÉ NÃO VAI À MONTANHA...

Na bonita cerimónia, ocorrida no Carmelo de Nossa Senhora Raínha do Mundo, foi porta-voz da Associação a Dr.ª Maria de Lourdes Pinto Correia.

Das suas palavras, registamos:

"Entendeu, no entanto, a Direcção da Associação de Antigos Alunos do Colégio de S. Luís que, dado tratar-se de uma comunidade religiosa feminina, competia a um elemento feminino da Direcção dizer essas breves palavras, a anteceder a cerimónia que aqui nos trouxe hoje.

Não fui aluna do Colégio, estive contudo duplamente ligada a ele: como professora, nos últimos cinco anos da sua existência, e como nora do Senhor Dr. Joaquim Pinto Correia. Não conheci a Maria Otília Neves mas tive o privilégio de conhecer pessoalmente o Senhor seu pai, Dr. António Neves, e a Senhora sua Mãe, D. Maria Otília, grandes amigos da família de meu Marido."

Mais adiante:

"A homenagem aos Directores foi considerada por todos nós como um imperativo, o reconhecimento público, embora a título póstumo, do papel importante que todos eles desempenharam na vida de quantos passaram pelo Colégio, na medida em que contribuiram para a formação, o desenvolvimento e a preparação para uma vida de cidadania responsável de milhares de jovens, não só da, ao tempo, vila de Espinho e das localidades limítrofes, mas também provenientes dos mais diversos pontos do país a até mesmo das antigas colónias portuguesas, tal era o prestígio de que o Colégio gozava."

Disse ainda:

"Esteve presente nessa Assembleia o Filho, António Neves – "Tony" para todos nós – mas, dada a impossibilidade da presença de sua Filha Maria Otília – Irmã Teresa do Menino Jesus -, A direcção entendeu que a homenagem não.estava completa.

É por isso, com grande prazer, que hoje estamos aqui.

Parafraseando as palavras do Profeta (e espero que, neste local, não sejam consideradas uma heresia):

"Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé"

Assim, ao programar o seu passeio/convívio anual, foi decidido escolher o Algarve como destino, para encerrar a homenagem ao Sr. Dr. António Neves."

E concluiu:

"Para terminar apenas três palavras:

- A primeira para agradecer à Reverenda Madre Superior e a toda esta Comunidade religiosa, em nome da Associação, a forma como aceitaram receber-nos;

- A segunda para transmitir à Irmã Teresa do Menino Jesus um monte de abraços e cumprimentos de muitos que e conheceram e que não puderam vir connosco;

- A terceira para citar, com a devida vénia, a parte final do discurso de Carlos Sária, de Outubro passado:

"Um homem, um mestre, um pedagogo, um disciplinador, uma inteligência, como o Dr. Neves, desaparece fisicamente pela lei inexorável da vida mas permanece na nossa memória, fica na história das instituições pelas quais passou e da terra que, felizmente, quis que fosse sua.

Bem haja, Dr. Neves!

Nesta hora de evocação e sentida homenagem, recordá-lo-emos, não com tristeza, mas com a alegria de termos tido a sorte de aprender e conviver consigo; por isso, é de pé e com uma salva de palmas que lhe transmitimos o sincero preito de gratidão, respeito e admiração dos antigos alunos do seu e nosso saudoso Colégio de S. Luiz"."

PROFESSOR DE INVULGAR CAPACIDADE

Do que escreveu Carlos Sária, sobre a figura do homenageado, colhemos os aspectos seguintes:

"Professor de invulgar capacidade, em qualquer matéria que ensinasse, mas extraordinário na Matemática na qual era um verdadeiro "expert", "obrigava" até o aluno menos dotado a aprender a terrível e temida disciplina.

Não se quedou por aí e, como disciplinador por excelência, desempenhou as funções de Director Disciplinar, tendo sido, também, grande impulsionador de Actividades Culturais e Desportivas, introduzindo, até, a prática do voleibol no Colégio.

Embora nunca tenha praticado a bela e difícil modalidade, foi um emérito treinador, responsável pela projecção e inúmeros êxitos alcançados, em todos os escalões etários, desde infantes a cadetes, nos campeonatos da Mocidade Portuguesa, durante anos a fio.

Daí saíram as "fornadas" de voleibolistas para as duas equipas locais – Sporting e Académica – e sob a sua orientação os "tigres" cometeram a façanha de conquistarem os primeiros grandes êxitos nacionais, alicerce para Espinho se tornar, depois, a capital do Voleibol português e alcançar o destaque que ainda hoje tem. Foi, também, um dos mais conceituados árbitros portugueses da modalidade."

E continuou:

"Deixou o Colégio em 1951, para ocupar lugar de destaque nos quadros superiores da Quimigal, onde prosseguiu a sua caminhada de cidadão de elevados e inquestionáveis méritos, e num Dia de Portugal, depois do "25 de Abril", recebeu um alto galardão nacional, como reconhecimento indesmentível de todo um percurso de alto gabarito.

Considero-o, e era de facto, um verdadeiro espinhense, distinto e notável vulto com lugar na história da nossa terra, para lá de cujas fronteiras se projectou, porém Espinho, e as colectividades que tão bem serviu, olvidaram sempre, e estranhamente, o agradecimento público que, indubitavelmente, justificava."

Prosseguiu assim:

"Em boa hora a nossa Associação repara, de algum modo, essa lacuna e, assim, diz a Espinho que o seu cidadão ilustre, chamado António Nunes das Neves, não deixa de ser, também, mais um dos grandes contributos que o Colégio de S. Luiz, que ele próprio ajudou a erguer e a atingir a dimensão que teve, deu à nossa terra."

NOTA: A parte final da intervenção do nosso colega, está inserida nas palavras proferidas, pela Dr.ª Maria de Lourdes Pinto Correia,2 na cerimónia que ocorreu no Patacão (Faro)

NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO DR. PINTO CORREIA

HOMENAGEM SIGNIFICATIVA, SENTIDA E MUITO PARTICIPADA

Entre ex-alunos, ex-professores e admiradores, eram perto de centena e meia os que não esqueceram quem foi, e o que fez, o Dr. Joaquim Pinto Correia e, portanto, fizeram questão de estar presentes na cerimónia evocativa do centenário do seu nascimento, iniciativa promovida pela nossa Associação , dedicada a quem foi "alma-mater", director e professor, do Colégio de S. Luiz, importante instituição de ensino, da qual Espinho se tem de orgulhar.

O evento aconteceu em Guizande, concelho da Feira, na Casa do Bacelo, no dia 16 de Agosto de 2003, data que assinalava o centenário do seu nascimento, e a cerimónia, simples mas envolta no respeito, admiração, amizade que os presentes nutriam pelo homenageado, iniciou-se com uma missa celebrada pelo padre Benjamim Silva, na capela existente no local.

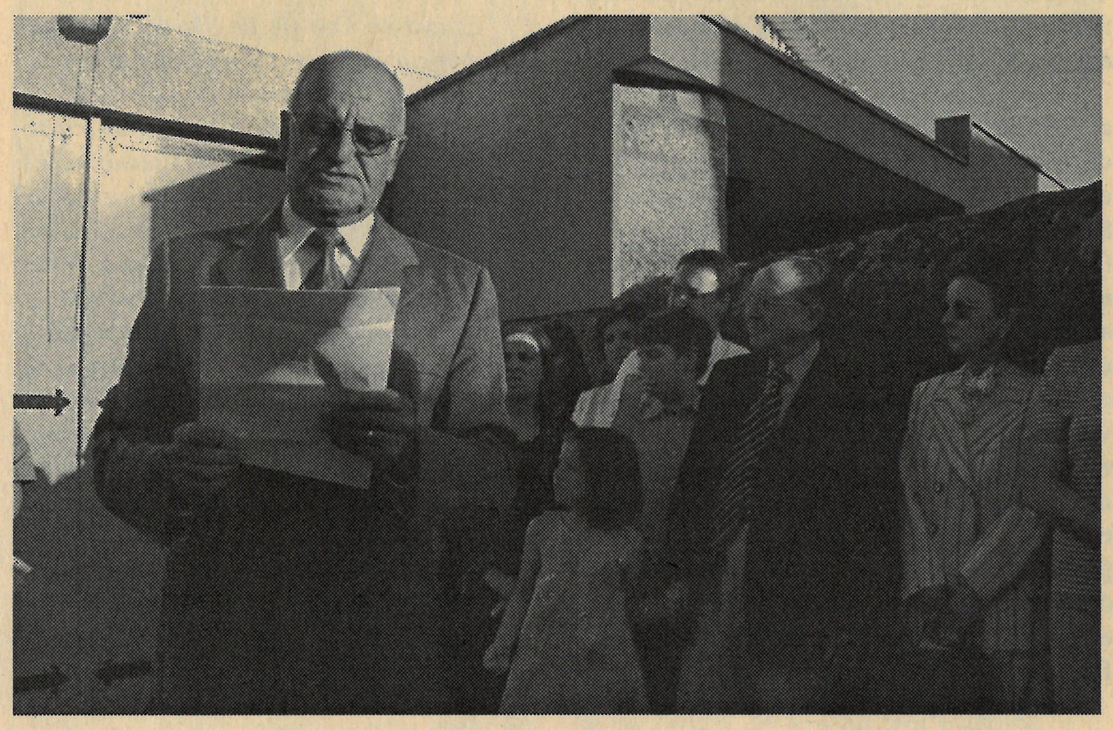
Seguiu-se o descerramento da placa evocativa da efeméride, que estava coberta pela bandeira do Colégio de S. Luiz, acto desempenhado pelo, naturalmente emocionado, Eng. Pinto Correia, filho do homenageado, rodeado pela Família, ficando assim assinalada, na casa onde nasceu, a data em que veio ao mundo um cidadão de Guizande, o qual, pela obra realizada em Espinho, com a criação e manutenção do S. Luiz, durante largos anos, conquistou, por mérito indiscutível, um lugar no número daqueles que se devem considerar ilustres cidadãos espinhenses.

Depois, o Coronel Armando Jacinto, em nome do nossa Associação, António Gaio e Joaquim Júlio, ex-alunos, evocaram a figura do homenageado e no final dessas intervenções, o Eng. Pinto Correia agradeceu em nome da Família, a significativa homenagem a seu Pai.

A nossa Associação entregou à Família Pinto Correia, um ácer, árvore milenária, que ficará plantada nos jardins da Casa do Bacelo, sendo portadora de uma placa, cuja inscrição diz: *"Esta árvore foi plantada pela Associação dos Antigos Alunos do Colégio de S. Luís, para assinalar o dia do centenário do nascimento do Sr. Dr. Joaquim Pinto Correia. Guizande, Agosto de 2003"*

Para encerrar o evento a Família Pinto Correia teve a gentileza de obsequiar os presentes com um lauto e delicioso lanche, pretexto para um agradabilíssimo convívio.

Uma única nota negativa: a ausência de entidades oficiais convidadas ou, pelo menos, os seus representantes, pois a figura e a obra do ilustre homenageado, feirense pelo nascimento, espinhense por adopção, justificavam essas presenças.



A intervenção do Presidente da Direcção da nossa Associação

JÁ NÃO SE FAZEM HOMENS DA SUA TÊMPERA

Das palavras sempre escritas com o coração, e sempre temperadas com uns pingos de bem conseguido humor, como é próprio do Joaquim Júlio, respigamos estes excertos:

"Antes de entrar para o Colégio e graças ao meu irmão Pedro, (mais velho quatro anos) já eu tinha algumas referências de Pinto Correia e de outra figura, como se diz agora, incontornável, a do padre Costa. Dupla terrível, de todo o respeito. Ficaram, na época, conhecidos pela sigla "JOPIC" & "JOPEC". "JOPIC", de Joaquim Pinto Correia e "JOPEC"; de José Pereira da Costa. Hoje diria que foi a primeira SADD de que tive conhecimento (SADD com dois dês), note-se: Sociedade dos Acérrimos Defensores da Disciplina."

E, também:

"O Senhor Doutor Pinto Correia era um verdadeiro mestre de "suspense"! Principalmente nas aulas. E como eram as aulas? De expectativa ansiosa, de (alta) tensão. Para começar tinham início cinco exactos minutos mais tarde. Minutos que aproveitávamos enterrando a cabeça no livro, tentando (desesperadamente) fixar a lição antecipadamente marcada. Para dar ainda mais clima, o Senhor Doutor desfolhava, muito lentamente, a caderneta (mas muito lentamente) fazendo uma espécie de chamada mental. De repente, olhando para aquela ignorante plateia cabisbaixa, disparava com a conhecida e temível voz rouca:

-"TU"...

E havia sempre um palerma que olhava.

-"Sim, podes ser tu", dizia o Senhor Doutor, com um irreprimível ar de gozo.

Lá ia, branco como a cal, o pobre desgraçado para o castigo. Simulemos as perguntas e as respostas:

- Qual é o nome de um pequeno organismo animal da família das Amibidas?

- "Amiba", respondia, cheio de medo, o pascácio.

- Sim, ou ameba, que é um... Protozoário.

- Que tem quantas células?

- Uma.

- Quantas?

- Uma, Senhor Doutor.

Até aqui parece brilhante a prestação do aluno, não é? Não é. Nunca era. A seguir (segundo tempo) vinha o esticanço, fatal como o destino! Ouçam, por favor, a outra parte da chamada.

Dr. Pinto Correia (implacável):

- Até aqui foram apenas simples "rodriguinhos". Agora vais-me dizer qual é a flor da família das compostas, subfamília das tubulífloras, tribo das heliânteas, subtribo das coreopsidnas, folhas opostas, penatipartidas, lodiáceas, patentes ou retroflectidas?

Nesta altura o aluno transformava-se na estupidez em pessoa: boca aberta, olhos esbugalhados e a cor da pele tomava um tom ainda mais verde qoe o próprio "Hillman". O estenderete continuava até vir a frase sacramental:

- Não sabes, não é, não sabes nada e está a chegar aí o Senhor da Pedra (forma que tinha de dizer exames). Não te agarres ao verbo e levas com estes sapatos bicudos, italianos!"

E terminou assim:

"Outro episódio que mostra bem o sentido de justiça desse meu querido Professor: Ponto escrito de Mineralogia. Respondi a tudo. Milagre! Acertei em tudo!

Veio a nota: 18 valores. O Senhor Doutor tinha-me cortado um "etc.". Não podia ser. Humildemente reclamei, e mostrei que o "etc." até vinha no livro.

Retrucou o mestre:

-Pois, o facto de o "etc." estar no livro, é que me levou a pensar que o teu ponto foi copiado. Levas 18 e nada mau.

Não me consegui conter e, com toda a correcção, contestei:

-Senhor Doutor, dou-lhe a minha palavra de honra que não copiei.

-Nunca, mas nunca, banalizes a "palavra de honra", replicou

-Senhor Doutor, só utilizo a palavra de honra em circunstâncias muito, muito especiais. E esta é mesmo muito especial. Garanto-lhe que não copiei. E, neste caso, é a minha honra que está em causa. Repito: Palavra de honra que não copiei! Mereço o 20.

Devo ter sido veemente. Ainda incrédulo com o meu brilharete, mas condescendente, anuiu: foi ao bolso interior do casaco e sacou as suas belíssimas canetas. Com a de tinta vermelha cortou o 18. Com a de azul o mais brilhante (talvez único) 20 da minha vida académica.

No Sarau que fizemos há cinco anos, falei de outra característica do "duro" Doutor Pinto Correia: A sua sensibilidade. Bem vi, em 1961, estávamos no Liceu Alexandre Herculano. Aquele brilhozinho nos olhos denunciava toda a felicidade que lhe ia na alma. Aproximou-se de um amigo pessoal e confessou-lhe, comovido:

-O meu rapaz formou-se. O meu filho é engenheiro!

A última cena que recordo, prova outra faceta do nosso antigo director e professor. O seu sentido de humor.

Teria os meu doze anos e estava com o meu pai no célebre "Café Moderno" – de Espinho. Chegou o Senhor Doutor Pinto Correia. Fizeram-se as normais saudações e vieram, logicamente, à baila os estudos. A determinada altura diz o meu pai:

-Sabe, Senhor Doutor que o meu filho Pedro já tem a chave de casa?

Resposta imediata:

-A esse até lhe pode dar a chave da despensa. Agora a este (era eu) o melhor que tem a fazer é fechá-lo à chave!

-O Senhor Doutor Pinto Correia faria hoje um século! Não tenho estudado, como deve saber, muita biologia, mas, a que sei, dá para perceber que já não se fazem homens da sua têmpera.

Por causas meramente biológicas, deixou-nos há quase 26 anos. Ficámos todos com muitas saudades suas, Senhor Doutor... ... Dou-lhe a minha palavra de honra!"

DEDICAÇÃO A UMA OBRA

O Coronel Armando Jacinto, presidente da nossa Associação, foi o seu porta-voz na homenagem. Aqui ficam algumas passagens da sua intervenção:

"Preocupado, muito para além do que seria o normal funcionamento de um colégio privado, não descansou enquanto o não dotou de um edifício construído para o efeito e que apetrechou com o equipamento mais moderno que havia no âmbito do ensino das físico-químicas, ciências naturais e biologia.

O bem estar, a comodidade e a saúde dos alunos, também não foram esquecidos, e assim o mobiliário das salas de aula, cozinha, refeitório, dormitório e posto médico, ultrapassaram em muito os padrões habituais para a época."

E, ainda:

"Quanto ao parque desportivo, prática de ginástica e desportos, gostaria de salientar que algumas modalidades radicais para a época ali eram ensaiadas até que, após atingirem níveis elevados de aperfeiçoamento, acabavam por ser exportadas através dos alunos que as

Continua na página 6

UMA VOLTA AO PASSADO

Um dia destes, tomei coragem e resolvi dar uma arrumada na minha biblioteca, o que não fazia há meses. A biblioteca fica no porão da minha casa e para chegar lá há que descer uma escada íngreme, em caracol.

Houve um motivo forte para com esse distanciamento (livros ocupam a maior parte da minha vida nos últimos 40 anos) como explico adiante.

Em fins de Fevereiro, num exame médico que era para ser de rotina, para espanto meu e do médico, foi constatado que há 36 horas estava enfartado. Quem já passou por isso, sabe os trâmites que se seguiram. Internado na U.T.I. (Unidade de Terapia Intensiva), exames e mais exames, dúzias de medicamentos. Passados alguns dias, mandaram-me para casa repousar com os cumprimentos dos médicos, que diziam que eu tivera uma recuperação notável. Na verdade, os sintomas que se esperam antes do enfarte, dores no peito, no braço esquerdo, cansaço, eu nunca os tivera. Depois do repouso em casa voltei para o Hospital, novo exames e preparação para ser operado. O ambiente era óptimo, muitas enfermeiras (auxiliares), jovens e bonitas, piadas e risos, parecia que estava de férias.

Na preparação para ser operado, retornei aos tempos de criança, e me lembrei da matança do porco. Morto; estendido numa mesa, os pêlos raspados, dependurado, o peito aberto. Assim aconteceu comigo. Depilaram-me todinho, da cabeça aos pés. As meninas que o fizeram riam com os meus comentários e eu ali estendido nu, às vezes tinha cócegas e também ria. Perguntei se me abririam o peito com um facão e me disseram que usavam serra eléctrica. Operado, tudo tinha corrido bem, tinham-me aplicado uma ponte de safena e uma mamária, no lugar das veias obstruídas.

Soube depois que, já de volta à U.T.I., eu não retornava da anestesia, o que deixou os médicos preocupados. Mal sabiam eles que, se não acordava, sonhava. Sonhos tão reais, que ainda hoje, já esquecido de quase tudo, creio que não sonhei, mas sim, interagi fantasia com realidade, fazendo uma recapitulação de minha vida.

"Estava no Colégio de São Luiz, o sinal para o início das aulas soou e antes de entrar, fui fazer "xixi". As retretes ficavam perto do portão, em frente à sala de aulas do curso comercial. Os "vasos sanitários" estavam todos ocupados, só livre estava o vaso mais baixo, que os alunos diziam que quem usasse, era chamado à lousa pelo professor. Usei-o, entrei na sala, logo em seguida entrou o Dr. Neves, à algazarra seguiu o silêncio, e eu, sentado à frente, pois era o aluno de número 1 na chamada, fui chamado.

Era uma 2.ª feira, o Dr. Neves, óptimo professor, estava em um mau dia. Os alunos diziam que quando ele perdia no jogo de Domingo, na 2.ª feira o aluno que era chamado ao quadro negro, sofria. E eu sofri, com 72 anos eu não estava na cama de um hospital, estava todo atrapalhado tentendo responder às perguntas do professor, no Colégio de São Luiz, em Espinho.

Nesta volta ao passado, uma boa parte foi ocupada, melhor dizer, voltou a ser vivida no Colégio de São Luiz. Bons tempos, bons professores, homens interessados em transformar a criança, num bom cidadão.

Espinho muito deve ao Colégio de São Luiz, ao seu comandante, o Dr. Joaquim Pinto Correia. Neste mês Agosto, passados 100 anos do seu nascimento, é com tristeza, que vejo que nenhum estabelecimento de ensino de Espinho leva o seu nome.

Falava da minha biblioteca, passei a falar do meu enfarte. Como dizia no início, resolvi arrumar a biblioteca e o meu escritório que fica anexo. São milhares de livros sobre todos os assuntos, colocados em estantes, numa certa bagunça ordenada, onde só eu mexo. A empregada tem ordem de só encerar o chão e limpar as mesas. O pó se acumulou nas prateleiras, onde estão os livros e outras lembranças das minhas viagens pelo mundo.

Pano e balde, lá vou fazendo a limpeza, demorada, pois não resisto a dar uma lida, quando pego um livro, A Criação do Mundo, vol. 1, de Miguel Torga. Na página de rosto "Tomou, pois o Senhor Deus ao homem, e pô-lo no paraíso das delícias..." Génesis.

Dentro do livro, o que encontro? Um "Boletim de Notas" do Colégio de São Luiz, curso comercial, 3.º ano, ano lectivo de 1945/46, com a assinatura do Dr. Joaquim Pinto Correia.

Numa nota diz: - Este boletim deve ser entregue na secretaria do colégio depois de er rubricado pelo encarregado de educação do aluno.

E fica um mistério, será que o boletim veio comigo, quando saí de Portugal, dentro do livro, ou o trouxe muitos anos depois, quando de uma das muitas viagens a Portugal.

Envio o boletim para o "museu" e mais uma vez proponho que seja feito um livro "O Colégio de São Luiz"; com a venda antecipada a antigos alunos, por um preço simbólico que permita pagar a pesquisa e a edição. Para essa tarefa convoco a Lourdes Pinto Correia e o António Gaio, que, entre outros, serão capazes de levar a tarefa a bom termo e não são pessoas "de fugir com o rabo à seringa".

São Paulo, Agosto de 2003-09-02

Abílio Rodrigues

NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO DR. PINTO CORREIA

Continuação da página 5

praticavam para a Académica e Sporting de Espinho. Estou a referir-me concretamente ao voleibol, à época desconhecido no norte do País, e que teve o seu berço de ouro no Colégio, embora, alguns pseudo entendidos no assunto, teimosamente continuem a afirmar que não foi bem assim. Face ao exposto, é grato afirmar que o Dr. Joaquim Pinto Correia, graças à sua total entrega ao Colégio de S. Luiz e eficiente gestão do mesmo durante mais de três décadas, supriu com galhardia de espírito de servir a inexistência de Ensino Secundário (Liceu e Comércio) nos concelhos de Espinho, Santa Maria da Feira e Vila Nova de Gaia. Ainda hoje, muitos dos homens e mulheres, que com o seu saber e labor vêm contribuindo para o engrandecimento dessas terras, passaram largos anos das suas vidas a estudar no Colégio S. Luiz."

MUITO LHE DEVE ESPINHO !

Do que disse António Gaio, que além de ter sido aluno do S. Luiz, é um profundo conhecedor da história espinhense e das suas destacadas figuras, como o foi o Dr. Pinto Correia, transcrevemos o seguinte:

"(...) Estamos aqui, em tempo limpo, livre de fingimento e de hipocrisia, para com a nossa presença validarmos a placa que ficará a desafiar o tempo, lembrando o nome, a vida do Dr. Pinto Correia, a existência do professor que dirigiu o Colégio de S. Luiz com tanta dedicação e tantos anos que se tornou no seu símbolo."

Depois:

"Queremos acreditar, no entanto, que na sua relação com os alunos, de quem gostava, e foram várias as gerações que passaram pelas suas mãos, esteve o melhor incentivo e a melhor compensação para o seu trabalho."

A finalizar:

"Liberal, deu alguns exemplos do seu apreço pelos valores democráticos. Não alinhava em perseguições e discriminações, respeitando as opiniões contrárias.

Espinho deve-lhe muito, por tudo o que recebeu do Colégio de S. Luiz, quer no campo cultural, quer no campo desportivo, criando os melhores alicerces para a formação de bons intelectuais, bons profissionais, bons dirigentes e bons desportistas.

Estamos aqui hoje, na terra que o viu nascer há cem anos, para afirmarmos o nosso carinho pela sua memória, a nossa homenagem, a nossa alegria pelo privilégio de o termos conhecido, de termos beneficiado do seu trabalho honesto e honrado em prol dum futuro melhor (...)."

NOTICIÁRIO

SÓCIOS

Já podíamos, e devíamos, ser mais. Não encontrou eco o pedido feito, nestas colunas e no número anterior, no sentido de que, cada sócio, e são 180 os filiados, trouxesse mais um, pois o número actual representa, apenas, cerca de 30% dos ex-alunos inscritos nos nossos ficheiros que, por dificuldades várias, ainda estão incompletos.

Os sócios são o alicerce da Associação que, para levar por diante um plano anual de significativas actividades, não pode deixar de contar com o apoio, a colaboração e a presença, duma massa associativa ampla e participativa.

Convinha não o esquecermos.

ASSEMBLEIA I

Conforme os Estatutos determinam, tivemos em Dezembro último, a Assembleia Geral Ordinária, para aprovação do Plano de Actividades e Orçamento para o ano em curso.

De registar uma maior presença de associados, isto em relação à anterior e para o mesmo efeito, embora longe do que seria e é desejável.

ASSEMBLEIA II

Em 26 de Março de 2003, numa sala da Junta de Freguesia de Espinho, realizou-se a Assembleia Geral Extraordinária, para Discussão e Aprovação do Relatório e Contas e parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano de 2002.

Os nossos associados voltaram a não comparecer no número que se justificava, mas os presentes avalizaram, sem reticências, o trabalho desenvolvido e as contas.

Entre o "crédito" (€ 16.025,06) e o "débito" (€ 12.300,28) o ano encerrou com um saldo credor de € 3.724,78.

AGRADECIMENTO

Embora já exarado em acta da Assembleia Geral, não podemos deixar de manifestar o nosso agradecimento à Imprensa que esteve atenta à nossa actividade, e nos facultou as suas colunas quando o solicitamos, bem como à Junta de Freguesia de Espinho e Câmara Municipal de Espinho, sempre disponíveis quando lhes pedimos a colaboração para as nossas actividades.

AGRADECIMENTO II

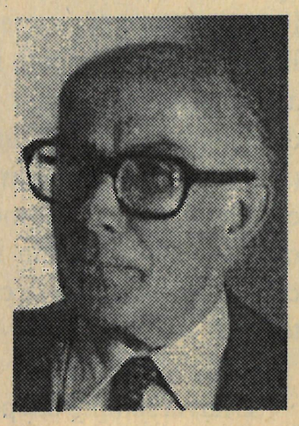
Felizmente os S.O.S. lançados, com o intuito de obtermos colaboração para este Jornal, de forma a não termos de recorrer aos mesmos articulistas de sempre, resultaram.

Bem se diz: não há fome que não dê em fartura.

Assim, agradecemos aos colegas a colaboração enviada, pedindo desculpa aos que não viram os seus escritos publicados, o que só aconteceu por absoluta falta de espaço.

De resto, como é óbvio, demos primazia aos artigos relacionados com o Colégio, envolvendo factos, histórias, personagens, etc., etc..

DR. MARMELO E SILVA



Em 10.Abril.03, realizou-se no Centro Multimeios, a apresentação, pelo prof. Dr. Arnaldo Saraiva, do livro "Obra Completa de José Marmelo e Silva", que, ainda, contou com a intervenção musical de Fausto Neves, ao piano.

Associamo-nos e estivemos presente no evento, tendo dirigido convite personalizado aos nossos associados para também comparecerem, pois, para além de insigne escritor, o Dr. Marmelo e Silva foi um dos Directores do nosso Colégio e professor de muitos de nós.

HOMENAGEM E REMORSO

Na passada Quinta-feira, 10 de Julho, realizou-se o funeral do Prof. Manuel Valente Figueira, de 91 anos de idade, ficando o seu corpo depositado em jazigo de família, no cemitério local, ao lado se sua esposa, Eduarda Morais, já falecida, em 1997, com idade de 87 anos. Ambos foram professores em Espinho, no Colégio Pedro Nunes, que existia na rua catorze, esquina com a rua vinte e sete, lado nascente e norte.

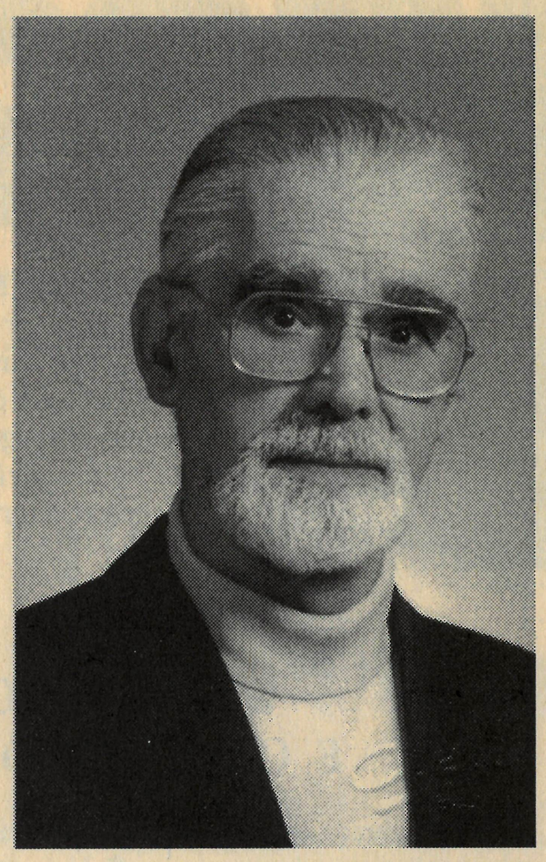
Mais tarde, após o encerramento do Colégio (1940?) deram aulas no S. Luís e noutras instuições de ensino.

Constituíram família na nossa terra, aqui tiveram os seus filhos (dez), aqui viveram e aqui trabalharam, ajudando á formação de muitos jovens estudantes. Mais tarde, fixaram residência em Vila Nova de Gaia, onde ensinaram também, chegando o Prof. Figueira a dirigir o Externato D. Duarte, no Porto.

Fui aluno dos dois, no Pedro Nunes, que frequentei até ao meu 3º ano liceal, passando depois para o Colégio S. Luís. Guardo a melhor recordação dos dois, como excelentes mestres. Lembro com saudade a suavidade disciplinada da D. Eduarda, como professora de Inglês, e a personalidade exuberante do Prof. Figueira que, quando os alunos sabiam a lição, fazia da aula, após consciência dos deveres cumpridos, uma conversa de amigos bem disposta.

Dos mestres que tive, pela marca que deixaram, o Prof. Figueira ocupa lugar destacado, ao lado do Dr. Neves e do Dr. Pinto Correia.

Com estas descoloridas imagens dum passado que nos enriquece pretende-se a homenagem sincera a um Professor que honrou Espinho com o seu trabalho e a sua



personalidade, ao mesmo tempo que se manifesta o remorso por não termos colaborado ou incentivado a realização de um encontro de homenagem que lhe tivesse dado o ensejo grato de nos dizer: Vocês ainda se lembram de mim!?

Adeus Professor Figueira! Até um dia...

Do aluno, admirador e amigo,

António Gaio

Por deferência do Autor, e com a devida vénia, transcrevemos este artigo, publicado no "Maré Viva" em 16.07.2003.

UM COLÉGIO, UMA CRIANÇA, UM AMIGO!...

Alguns companheiros do meu tempo ainda se devem lembrar da anedota da velhinha, que, assistindo a uma aula de ginástica onde "militava" o seu netinho, comentava, envaidecida, que o único aluno do grupo que fazia o exercício "nos conformes" era o seu menino, quando acontecia precisamente o contrário, uma vez que o seu pequerrucho não passava dum "cabeça no ar"!...

Esta historinha da convencida anciã e do neto faz-me lembrar que, nos primeiros retratos do Colégio de S. Luiz, aparece, na primeira fila, um catraio muito desajeitado, com os braços abertos "às três pancadas"!... dado que se encontrava na frente, não podia copiar o exercício dos colegas!... Valha, contudo, a verdade, que esse "artista" era eu!...

Nesse tempo, o edifício do nosso Colégio situava-se no ângulo das Ruas 8 e 23.

Acontece, porém, que, no ano de 1932, não havia classe infantil, o que me levou a entrar para o S. Luiz sem o competente "passaporte". Por tal motivo, foi-me dada a honrosa categoria de "mascote", por ser "dez reis de gente", giro e azougado. Por via disso, "os grandes" baptizaram-me de "Nitó"!... Ingenuamente fiquei satisfeito com o carinhoso nome, mas fui aos "arames", quando soube que "Nitó" era originário de "caganitó", o que, convenhamos, era pouco "edificante"!...

Tive, no entanto, que aguentar as "regras do jogo", durante algum tempo, demais que, no "S. Luiz", ao lado da graciosa capelinha da N.ª S.ª da Ajuda e tão perto do nosso mar, sentia-me rodeado de ondas de benevolência e protecção.

Certo dia, um matulão voador, em louca correria para o recreio, "atropelou-me". Os "grandes" entraram em "pânico" e um deles chegou mesmo a dizer: Estás "lixado", pá! E já foi azar ter sido o "Nitó" posto a K.O.!...

A disciplina, no Colégio, era rigorosa!... O Director, Tenente Reimão, era uma figura plena de autoridade! Valeu ao autor do involuntário "embate" ter provocado apenas umas leves "escoriações" na "vítima"!...

Depois, como é óbvio, fui tratado num ápice, na sala de pequenos socorros, sita no andar superior do "buvette"!...

No meu tempo de "caganitó", nunca me faltaram os guarda-costas, contrariamente aos dias de hoje em que tantos sofrem pela sua pequenez, inexperiência e má-fortuna!...

Sendo assim, o Colégio de S. Luiz proporcionou-me encontrar, no meu verde caminho, o meu primeiro amigo, o Jó!...

O Jó andava na 4.ª classe e, sempre que eu tinha assomos de impertinência, o velho Prof. Tavares pedia-lhe para que me levasse à Confeitaria comprar rebuçados!... O saudoso Jó nunca se fez rogado e, "se bem me lembro", também "entrava" nos "cala-meninos", vendidos no "ti Elias"!...

O Jó foi um dos maiores Amigos que tive e o facto de ter nascido nos Estados Unidos não obstou a que tivesse sido um dos espinhenses mais dedicados de todos os tempo.

Recordam-se, pois, os colégios, as escolas e os professores, mas não podemos nem devemos esquecer os companheiros que nos ajudaram, com nobres exemplos, a cultivar a amizade e a formar o nosso carácter!...

António Duarte Estevão

ERA ASSIM

O nosso colega Reinaldo Antero Alves Beça, fez-nos chegar as "Regras do Bom Estudante", cuja autoria é atribuída ao Dr. Marmelo e Silva que, além de Professor, foi um dos Directores do Colégio. Têm data de 24.11.52 e, meio século volvido, perfeita actualidade. Talvez não a mesma aceitação.

Outros tempos. Todavia, regras e deveres de sempre.

Era assim. Ali, bem patente, a marca do Colégio de S. Luiz. Ainda hoje, recordado com saudade pelos seus ex-alunos.

REGRAS DO BOM ESTUDANTE
(Os meus deveres de Estudante)

Por: Dr. Marmelo e Silva

Os meus estudos são os alicerces do meu futuro, do futuro da minha pátria, e também do futuro da Humanidade. Por isso, é meu dever dedicar-lhes toda a minha atenção e energia. Sem verdadeiro interesse pelos estudos, nada conseguirei em meu proveito, nem em proveito do meu semelhante.

Devo salientar e desenvolver a minha dedicação pelo estudo por meio de estimulos, entre os quais saliento:

a) Estudar a sério, porque perante Deus e os homens, sou responsável pelo meu aperfeiçoamento tanto em virtude como em sabedoria.

b) Estudar a sério, porque tenho o dever sagrado de corresponder com o melhor do meu esforço aos sacrifícios que os meus pais ou os meus encarregados de educação fazem para me educar, quer sejam pobres ou ricos.

c) Estudar a sério, porque a tanto me obriga o respeito pela minha dignidade de estudante.

Para que eu faça o estudo consciencioso e profícuo tenho de observar um certo número de regras a saber:

1) Quando me proponho estudar devo pensar somente nos assuntos da minha lição. È preciso, portanto, que eu me habitue a afastar todos os pensamentos e todas as distracções, numa palavra tudo aquilo que me faça desviar atenção do estudo.

2) Devo procurar compreender a lição e não decorá-la. Aquilo que eu compreendo dificilmente me poderá esquecer, aquilo que eu decoro já não me lembrará passadas algumas horas.

3) Quando encontrar alguma dúvida, devo procurar resolvê-la por mim, pois as descobertas feitas por nós próprios, são as mais duradoiras e agradáveis. Mas se eu não conseguir, devo tomar nota dessas dúvidas e apresentá-la ao meu professor.

4) Depois de estudar a lição, devo concretizar as ideias assimiladas em esquemas e mnemónicas.

5) Para me não esquecer facilmente, devo com frequência pensar nas matérias estudadas e conversar sobre elas com os meus condiscípulos.

6) Devo dedicar todos os dias algum tempo para revisões.

7) Em dias feriados ou mesmo em férias, não perderei o contacto com os livros, pois são eles os meus melhores mestres e amigos desinteressados.

REGRAS DE HIGIENE NO ESTUDO

1) Deitar cedo e cedo erguer.

2) Não ler nem escrever na cama.

3) A mesa de trabalho deve ser iluminada do lado esquerdo.

4) Sem ar puro não pode haver saúde. Por isso, devo estudar e viver o mais possível ao ar livre ou em recintos suficientemente arejados.

5) Devo pôr de parte todos os excessos que provoquem a fadiga física e cerebral. Um corpo deprimido, ainda que dotado de uma boa inteligência, não pode encarar o estudo com prazer.

6) Não posso descurar o meu desenvolvimento físico. Andar a pé, jogar um pouco qualquer coisa de movimento, fazer ginástica, tudo contribui para uma boa disposição mental.

7) Em resumo: não devo deixar para amanhã aquilo que posso fazer hoje. De contrário, o trabalho ir-se-á acumulando e dentro de pouco tempo, para acompanhar os meus camaradas, ver-me-ia na necesidade de realizar um esforço penoso e quem sabe se já tardio e inútil.

AS NOSSAS REALIZAÇÕES

A TRADIÇÃO MANTEM-SE

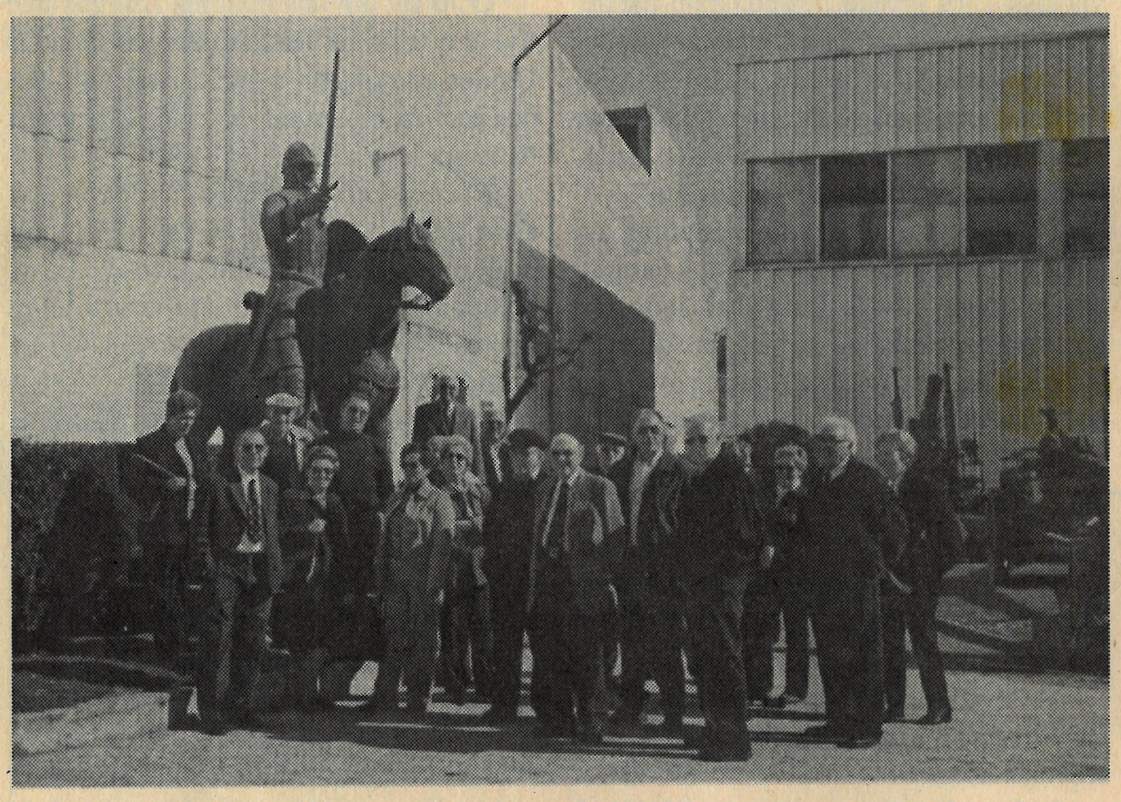
O almoço anual, a 12 de Outubro de 2002, manteve a tradição de ser o pólo mais aglutinador da confraternização dos antigos alunos e professores do nosso sempre recordado Colégio. Mais de 120 presenças é motivo, sempre renovado, para rever amigos, ex-colegas de estudo, que, para umas horas de bom convívio e evocação dos tempos do S. Luís, compareceram com prazer, mesmo alguns vindo de muito longe.

VISITA AO MUSEU MILITAR DO PORTO

Em 19 de Março de 2003, uma viagem de comboio levou-nos (éramos aproximadamente 30) até ao Porto. Subimos até à Praça da Batalha, para um belo almoço na Messe dos Oficiais (dá jeito ter um Coronel a presidir à nossa Direcção!) e mais uma caminhada até ao Museu Militar, nas ex-instalações da célebre Pide, ali para os lados da Campanhã.

Depois, uma interessante e esclarecedora visita, ciceroneada pelo Director do Museu, Coronel Manuel Jorge Carvalho, a quem no final foi entregue a medalha da Associação, gravada com uma alusão à visita.

Então, nova e agradável passeata até à Estação de Campanhã, cuja remodelação surpreendeu muitos dos presentes e regresso a Espinho, numa viagem de comboio que serviu para encerrar, alegremente, este convívio gastronómico-cultural.



VISITA CULTURAL À VISTA ALEGRE

Em 28 de Junho de 2003, deslocamo-nos em visita ao Museu da Vista Alegre (foram cerca de 50 as adesões), não sem antes, em Aveiro, termos também visitado o Museu de St.ª Joana, duas facetas culturais bem diferentes, mas ambas de grande interesse e enriquecedoras.

Almoçamos na cantina da Fábrica de Louça da Vista Alegre, com uma surpresa para o colega Eduardo Camacho que, aniversariante, foi saudado com os "Parabéns a Você" e o bolo da praxe, com velas e tudo.

Acabamos a jornada visitando a Barra e a Costa Nova.

O COLÉGIO DE S. LUÍS E O VOLEIBOL ESPINHENSE

Organizamos, em 23 de Maio de 2003, um debate sob o tema em referência, conhecida a importância vital que o nosso Colégio teve na projecção que a modalidade alcançou localmente, transformando Espinho na "capital" do voleibol português.

Serviu, também, para homenagearmos, com entrega de medalhas alusivas, os três únicos alunos que tendo iniciado a sua actividade voleibolística no Colégio, chegaram à internacionalização e a grandes figuras do voleibol nacional: Valter Brandão, José Salvador (ausente por motivo de doença) e Carlos Padrão.

Apresentou o evento Joaquim Júlio, moderou o debate Carlos Sárria que, também, fez o elogio dos homenageados e participaram como convidados António Gaio e Mário Valente, profundos conhecedores do voleibol local.

Pena que o excelente Auditório da Junta de Freguesia de Espinho que, também, teve a gentileza de entregar medalhas aos homenageados, não tivesse a moldura humana que o tema e os homenageados justificavam.

PASSEIO ANUAL (AO ALGARVE)

A 4.ª edição do passeio anual, realizou-se entre 25 e 27 de Abril de 2003, portanto teve mais um dia do que era habitual. Levou-nos até ao Algarve onde, conforme se poderá ler noutra página, tinhamos a missão de complementar a homenagem ao Dr. António Neves.

Cumprindo o objectivo, aos cerca de 50 e tais aderentes, foi proporcionada uma viagem com as vertentes turística, cultural e gastronómica, com visitas a Sesimbra, Vila Nova de Mil Fontes, Portimão, Vilamoura, Patacão (local da cerimónia de homenagem), Faro, Tavira, Albufeira, Alcácer do Sal, Almada (Cristo Rei) e Fátima (Santuário).